

MULTICULTURALISMO E SURDEZ: DIALOGANDO COM OS DISCURSOS CIRCULANTES NO INTERIOR DO CURSO BILÍNGUE DE PEDAGOGIA DO INES.

Aline Cleide Batista – UFPB¹
alinecleide@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo, discute a questão da surdez a partir do referencial multicultural, problematizando a partir dos discursos de alunos surdos e ouvintes compreensões acerca da/s identidade/s e cultura/s surda/s. Buscamos analisar perspectivas, potenciais e tensões multiculturais que ocorrem no contexto do desenvolvimento do Curso Bilíngue de Pedagogia, no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. A pesquisa, de cunho etnográfico foi realizada no curso bilíngue de Pedagogia do INES. Nessa perspectiva, reconhecemos que multiculturalismo é um termo polissêmico e que tem tido diferentes entradas no campo da educação. Em tempo que, observamos que para a discussão sobre a educação de surdos numa perspectiva multicultural, outras compreensões precisam ser pensadas. Construimos nossa argumentação a partir do pensamento multicultural, defendido por teóricos como Canen (2002, 2007, 2008, 2009) Candau (2009, 2010, 2012), Moreira (2001, 2002), Hall (1997) e Skliar (2010). Para tratar da surdez, nos apoiamos principalmente em Skliar (1998, 2011), Lopes & Veiga Neto (2006), Quadros (1997); Perlin (2011), Pedreira (2006). Nessa perspectiva, a pesquisa buscou compreender como se configura a experiência do curso dentro de um universo específico – o do INES, levantando características, dificuldades, conquistas e desafios, a partir do ponto de vista de seus diferentes atores. Para tanto, as estratégias de coleta de dados se deram por meio de entrevistas, grupos focais, estudos de documentos e observação. Nos resultados, o estudo evidenciou, sobretudo, a complexidade de processos de construção e reconstrução identitária de alunos surdos, passando por mecanismos de compreensão da identidade surda, que vão desde perspectivas de supremacia à tendências de sua negação.

Palavras-chave: multiculturalismo, identidade e cultura surda, curso bilíngue de Pedagogia

ABSTRACT

This article dicute the issue of deafness from the multicultural framework, questioning from the speeches of deaf students and hearing about the understandings / s identidade / s culture / s deaf / s. We analyze prospects, potential and multicultural tensions that occur in the context of the development of Bilingual Education Course at the “Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.” The survey was conducted ethnographic in bilingual course Peddagogia the INES. In this PERSPECTIVE, we recognize that multiculturalism is a polysemic term which has had different entries in the field of education. In that time, we observe that for the discussion of deaf education in a multicultural perspective, other understandings need to be thought. We build our argument from the multicultural thought, championed by theorists like Canen (2002, 2007, 2008, 2009) Candau (2009, 2010, 2012), Moreira (2001, 2002), Hall (1997) and Skliar (2010). To address the sudez, we rely mainly on Skliar (1998, 2011), Lopes & Veiga Neto (2006), Quadros (1997); Perlin (2011), Pedreira (2006). In this perspective, the research sought to understand how to setup a travel experience within a specific universe - the INES, lifting characteristics, difficulties, achievements and challenges,

¹ Professora Doutora no departamento de Educação da UFPB

from the point of view of its different actors. For both, the strategies of data collection was carried out through interviews, focus groups, studies and documents observação. Nos results, the study showed, especially the complexity of processes of identity construction and reconstruction of deaf students, through understanding mechanisms of deaf identity, ranging from the perspectives of supremacy tendencies of his denial.

Key words: Multiculturalism, Identity and Deaf Culture; Pedagogy Bilingual Course

Introdução/apresentação

O multiculturalismo é um termo polissêmico e que tem tido diferentes entradas no campo da educação. Nessa perspectiva, observamos que para a discussão sobre a educação de surdos numa perspectiva multicultural, outras compreensões precisam ser pensadas. Por isso, inicialmente, anunciamos a nossa compreensão sobre cultura, identidade e diferença. Nesse sentido, partimos das reflexões acerca do conceito de cultura e identidade para pensarmos acerca da surdez enquanto diferença cultural e política e das possíveis identidades surdas. Assim, deslocamos o foco da deficiência e focalizamos na diferença. Também, chamamos a atenção para questão da diferença dentro da diferença e denunciemos qualquer tentativa de essencialização.

Para o desenvolvimento do tema, organizamos o trabalho em três partes: inicialmente refletimos acerca do conceito de cultura e identidade para pensarmos acerca da surdez enquanto diferença cultural e política e das possíveis identidades surdas; na terceira parte do trabalho trazemos as falas dos sujeitos e por fim apresentamos algumas considerações.

(Res)significando a Surdez pela diferença: podemos falar sobre uma identidade e cultura surda?

Conforme já anunciamos, neste trabalho, a compreensão acerca da identidade e da surdez acontece em espaços de fronteiras, de deslizamentos de significados e de ocupação de lugares, ou seja, em lugares móveis e em contínuo processo de construção e desconstrução. Nesse sentido, com o intuito de refletir sobre diferentes representações atribuídas à surdez, a partir da perspectiva multicultural anteriormente discutida, focalizamos as abordagens da surdez que a tratam ora como *diferença*, ora como *deficiência*. Isso porque consideramos que a forma como nomeamos as coisas e os modos de designarmos terminologias estão carregados de significados.

Tais concepções estão atreladas a diferentes formas de olhar, vivências, conhecimentos diversos da sociedade e ao próprio imaginário social, daí ser importante refletir com/sobre essas diferentes formas de percepções. Portanto, focalizaremos o olhar para uma diversidade de conceitos e termos, que se localizam

epistemologicamente em duas abordagens de análise, a saber: na patologia clínica – o termo **deficiente auditivo** – e, no campo da antropologia, com uma concepção sociocultural do fenômeno, representada pelo termo surdo, ou pessoa surda.

Behares (1993) chama a atenção para a necessidade de observarmos a surdez e a pessoa surda para além das questões orgânicas e físicas, propondo que essa questão seja abordada sob uma perspectiva sociocultural. Ele relata como as investigações atuais têm chamado a atenção para a multideterminação da surdez e para a adequação do emprego do termo surdo, uma vez que é essa expressão utilizada pelo indivíduo surdo para se referir a si mesmo e aos seus iguais. Assim, a pessoa surda é definida como “aquela que, por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado e, portanto, deve construir sua identidade em termos dessa diferença para inserir-se na sociedade e na cultura em que nasceu” (BEHARES, 1993, p. 40).

Nesse sentido, os estudos de Skliar (1998) vão apresentar diferentes potencialidades das pessoas surdas. Dentre elas, o autor destaca a potencialidade de desenvolvimento de outras estruturas, formas e funções cognitivas, reguladas por um mecanismo de processamento visual das informações. Nesse sentido, a modalidade visual-gestual (podemos situar nessa modalidade a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS)², não só pertence à potencialidade linguística dos surdos, como também envolve o processamento de todos os mecanismos cognitivos.

Assim, é importante que desconstruamos o discurso ideológico dominante construído nos moldes patológicos, que localiza o surdo em dimensões clínicas e terapêuticas da “cura”, da “reeducação” e da “normalização”. Ao optarmos pelo termo ‘Pessoa Surda’, estamos deslocando o discurso sobre a surdez ancorada na visão do déficit, na falta da audição para o discurso pautado em paradigmas da diversidade linguística e cultural, em consonância com os princípios do multiculturalismo que abraçamos, discutidos anteriormente, buscando romper com o discurso da deficiência e operar com o discurso político da surdez como diferença, uma vez que

² **Com a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida oficialmente enquanto língua.**

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

As diferenças não são uma obviedade cultural nem uma marca de 'pluralidade'; são sempre diferenças; não devem ser entendidas como um estado não desejável, de algo que cedo ou tarde voltará à normalidade; dentro de uma cultura devem ser definidas como diferenças políticas e não simplesmente como diferenças formais, textuais ou linguísticas; ainda que vistas como totalidades ou colocadas em relação com outras diferenças, não são facilmente permeáveis nem perdem de vista suas próprias fronteiras; existem independentemente da autorização, do respeito ou da permissão outorgada da normalidade (SKLIAR, 1999 a, p. 22).

Concordamos com Skliar quando enfatiza a necessidade de nos deslocarmos das oposições conceituais da Educação Especial para uma Educação para Surdos e, também, nos afastarmos das nomeações relativas a deficiente auditivo (e todos os seus sinônimos) para o uso do substantivo: Surdo. Nesse sentido, a mudança no discurso, nas representações que atribuímos aos termos 'Surdos' e 'Surdez', poderá possibilitar uma melhor visibilidade dos múltiplos e diversos processos de identificação das pessoas surdas e, quiçá contribuir para que, com o discurso sobre a surdez rompedor da ideia de deficiência, a identidade surda possa ser compreendida e vivenciada como diferença política e cultural. Afinal, como argumenta Skliar (1997, 33), "a construção das identidades não depende da maior ou menor limitação biológica, e sim de complexas relações linguísticas, históricas, sociais e culturais".

Conforme o que foi anteriormente discutido, a identidade não é algo fixo ou essencializado, tampouco se trata de uma questão *sui generis*. De outro modo, a identidade cultural surda é aqui pensada como um marcador cultural que constitui as identidades coletivas das pessoas surdas. Nesse sentido, os surdos são compreendidos como sujeitos históricos que constroem e reconstroem suas identidades a partir do conceito de surdez como diferença cultural e política.

Assim, a compreensão da (s) cultura (s) surda (s) é balizada pelo referencial do multiculturalismo crítico, "isto é, a partir de uma compreensão de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade. Por isso, a Cultura Surda não é uma imagem atenuada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é seu contrário. Não é uma cultura patológica" (PERLIN, 1998, p. 51). Assim, reconhece-se que as formas de ver, perceber, estabelecer relações e valores se dão pela experiência visual, em meio às relações sociais de poder existentes.

Embora concordemos com as diferentes identidades surdas e reconheçamos que não exista um jeito de ser surdo *a priori*, consideramos que definições um tanto fechadas podem estar fixando, padronizando formas de ser surdo. Nesse sentido, podemos observar no estrato abaixo, como essas definições de identidade vão sendo hibridizadas nos discursos dos alunos:

Acho que é porque os alunos aqui têm uma mentalidade de uma história de surdo politizado... porque eu até falando já tem sete identidade surdas, mas acho que a gente já pode criar uma oitava, porque **aqui tem uns “surdos estrelas”**. porque é assim, eu SOU SURDO! que o mundo se exploda, eu sou surdo. aí eu penso e ele é um extraterrestre porque é surdo? e isso é batido em todas as conversas... **tudo a pergunta primeira é essa: ele é surdo ou é ouvinte? O tempo inteiro essa pergunta fica te marcando. E aí ficam esses dois polos; os surdos e os ouvintes (DORA, ALUNA OUVINTE).**

No entanto, alertamos para o risco de colocarmos esses identificados em caixinhas, pois consideramos que a cultura surda é um jeito de ver o mundo e de relacionar com ele, de modificá-lo. Ademais, conforme discutimos no primeiro capítulo e no início desse texto, o depoimento de Dora, aponta para uma tendência a exclusão às avessas, uma certa exclusão, segregação, em que só interessa o nós (os surdos), os outros (ouvintes) por serem diferentes, ficariam de fora.

Observamos que, essas questões precisam ser situadas histórica e socialmente e principalmente lembrarmos que a hibridização não estará presente em apenas um tipo de identidade surda, do contrário ela é resultado dessas relações com culturas, identidades, comunidades, em movimento constante. Dessa forma, “longe de defender uma essência surda, nosso objetivo é mostrar que a expressão ser surdo abrange uma experiência de ser, de estar no mundo, que é vivida no coletivo, mas sentida de maneiras particulares” (LOPES & VEIGA NETO, 2006, p. 82).

Dialogando com os discursos circulantes acerca da(s) identidade(s) e cultura(s) surda(s): algumas reflexões em meio a várias tensões

Os estudos sobre a surdez, numa perspectiva cultural vem contestar qualquer essencialização, principalmente no combate àqueles que situam essa discussão no campo da deficiência. Assim, o estudo de Skliar & Quadros (2000), alerta para um discurso sobre a deficiência que, por trás de sua aparente cientificidade e neutralidade, esconde o problema da identidade da diferença, sendo um discurso que nega a alteridade ou a complexidade da questão do outro. Os referidos autores tratam especialmente da cultura dos surdos, entendida como a cultura de uma minoria linguística, bem representada em sua língua de sinais, como explicam, nos seguintes termos:

A questão está associada à língua de sinais – a língua que manifesta as formas de cultura surda. Obviamente que o que está sendo considerado ultrapassa a questão da língua, pois as experiências visuais refletem formas de ver o mundo. Mas é interessante notar que a linguagem é algo extremamente significativo na identificação e reconhecimento do ser, pois é através dela que muitas coisas são determinadas e reproduzidas (SKLIAR & QUADROS, 2000, p. 49).

Portanto, podemos observar que toda a discussão acerca da identidade e da cultura surda passa pela compreensão da língua de sinais enquanto maneira singular de construir significados e estabelecer relação com o mundo e com ele mesmo enquanto sujeito que constrói e reconstrói sua identidade no interior dessa mesma língua.

Dessa forma, a língua é um marcador cultural, identitário e político, sendo uma das formas mais expressivas das culturas surdas, apresentando um importante papel na luta política da comunidade surda.

As línguas de sinais, dentre elas a língua brasileira, são naturais e representam uma forma completa de comunicação das histórias surdas³. A experiência é visual desde o ponto de vista físico (os encontros, as festas, as estórias, as casas, os equipamentos...) até o ponto de vista mental (a língua, os sonhos, os pensamentos, as ideias). Como consequência do exposto, é possível dizer que as experiências visuais são intrínsecas às identidades e culturas surdas. Nesse sentido, podemos considerar que, assim como os ouvintes estabelecem suas relações e constroem seus significados no interior da língua oral, da mesma forma o surdo vai se constituir como sujeito no interior da linguagem de sinais. Dessa forma, para Skliar (1998) linguagem oral e linguagem de sinais⁴ não constituem uma oposição, mas sim dois canais diferentes e igualmente eficientes para a transmissão e a recepção da capacidade da linguagem.

O pedagogo bilíngue tem que saber LIBRAS!!! Tem que saber como eles se comportam, e como eles aprendem. É visual, então é só mostrar imagem? Acho que não é só isso. porque mesmo numa escola que só tenha surdos, mesmo assim eles são diferentes... cada um com sua história de vida, um nasceu surdo, outro ficou surdo. mas não é só saber LIBRAS, porque os surdos não são iguais! Tem surdo que não teve acesso a LIBRAS, ele veio de uma família que proibiu ele de usar a língua de sinais. Aí você vai ta com uma criança que é oralizada, mas mesmo assim ela não ouve e você tem que falar devagar... Por isso não é só a LIBRAS (IDA, ALUNA OUVINTE).

Esse extrato, nos alerta para observamos que embora a LIBRAS, seja um marcador importantíssimo apresentado pelos autores da área (SKLIAR, 1998, 2011; LOPES & VEIGA NETO, 2006; QUADROS, 1997; PERLIN, 2011), ele não é o único. Faz-se necessário que a pessoa surda seja vista em suas várias dimensões sociais,

³ A língua de sinais é considerada a língua natural dos surdos por se desenvolver naturalmente e por permitir que qualquer conceito seja expresso através dela, ainda não é considerada por muitos uma língua, mas somente um conjunto de gestos, mímicas, embora estudos comprovem que esta possui status de língua e apresente sintaxe, gramática e semântica de maneira completa, como afirma Sacks (1998), e o que a difere das línguas orais é o seu canal de comunicação que é o gestual-visual. Além disso, ela se articula por meio das mãos, expressões faciais e corporais (SOUSA, 2009) – disponível em <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/revista/?p=183> Acesso em: 12 abr. 2014.

⁴ Linguagem de sinais é um termo que encontramos na literatura, antes do decreto 10.436 de abril de 2002 que reconhece a LIBRAS, como língua oficial. Portanto, o uso do termo linguagem de sinais, não é mais aceito como adequado.

políticas e culturais, observando a sua história de vida e seus significados sobre o ser surdo, a forma como ele vivencia essa surdez.

Por fim, concordamos com Gomes (2011) quando afirma que a abordagem da cultura surda, é um tema nada tranquilo e que provoca diferentes manifestações, deste a extrema exaltação até total negação. Nesse sentido, lembra a questão das relações de poder, já apontadas neste texto, em que o campo de disputa significações acerca de identidade, diferença e cultura entra num jogo de poder assimétricos, que também tem a ver com posicionamento político e de alto referenciá-se. Nesse aspecto, os grupos, enquanto identidades coletivas vão posicionar-se frente a essa questão de forma diferente, a comunidade surda reivindica o reconhecimento de sua cultura; a academia procura analisar, entender e discutir suas produções, os espaços educativos são convocados a promovê-la e os gestores das políticas públicas que questionam sua existência entram no enfrentamento frente às demandas que esse reconhecimento apresenta.

Quando a gente fala de identidade e cultura, nós temos uma questão polêmica, que no dia a dia nós discutimos bastante que é a questão da identidade surda. Existem pessoas que afirmam que não existe! Existem pessoas que afirmam que existe! Outras dizem que tem várias identidades surdas! A mesma coisa, nós temos com a cultura; pessoas que afirmam que existe uma cultura surda! Pessoas que afirmam que existe uma cultura surda ou que existem culturas surdas, próprias de determinadas comunidades surdas (LARA, ALUNA OUVINTE).

Quando a gente entra no curso, com a convivência a gente vai vendo outros significados para o termo cultura surda. Cultura no sentido de que a comunidade surda ser feita por pessoas que usam a LIBRAS, mas isso não tá exatamente tão claro assim. **Cultura não tem a ver com aspectos físico que seja demonstrado.** Cultura é um conceito bem abstrato mesmo... É o que **você percebe pelo jeito da pessoa ser...** Um exemplo pra ficar mais claro: quando um professor está dando aula para o surdo, ele usa mais recursos visuais e isso para o surdo faz toda a diferença, porque o surdo não está tendo acesso às informações auditivas e aquilo não faz muito sentido para ele. Quando ele vê uma imagem, aquilo faz ele se sentir igual... Aquilo faz sentido. Aquilo facilita tanto a compreensão, faz toda a diferença! Eu poderia listar vários outros exemplos... O surdo mesmo, ele tem certas diferenças, ele tem alguns especificidades que o ouvinte não tem; a escrita do surdo que não vai ser a mesma. O surdo dá preferência às questões visuais; o seu modo de apresentação (LINDA, ALUNA SURDA, grifo nosso)

Conforme observamos nas falas das alunas, a discussão acerca dos conceitos identidade(s) e cultura(s) surda(s) é um tema polêmico também dentro do Curso Bilíngue de Pedagogia. Nesse sentido, a compreensão de cultura, apresentada por Hall (1997) e Geertz (1998) discutidas no início deste capítulo nos ajuda a desconstruir algumas visões essencializadas sobre cultura surda. Percebemos que a grande polêmica se dá no nível conceitual. Ou seja, a tentativa de materializar uma possível cultura que se diferenciasse de outras culturas para dizer: isso é próprio do surdo, isso é cultura surda! Isso fica muito claro quando a aluna surda reconhece que esse conceito não é

algo explicável por aspectos físicos e sim pela forma de se relacionar com o mundo. Nesse sentido, a compreensão de cultura como algo que se revela pela forma de ver e se relacionar com o ‘mundo’. Embora não física, ela se revela nessa materialidade que é o próprio ser e estar surdo, na relação e significados com o visual, com a Língua de Sinais, com a comunidade surda, até mesmo na forma de organizar e apresentar os seus trabalhos acadêmicos.

Na narrativa da aluna Lara, ela afirma que existe um campo de tensão e que uma das discussões é acerca do uso do termo no singular – cultura – ou no plural – culturas. Argumentamos que as proposições do multiculturalismo (CANEN, 2002, 2007; CANDAU, 2000, 2009) crítico e pós-colonial/multiculturalismo interativo, podem contribuir na desconstrução de ideias fixas acerca de uma única cultura, única identidade, única forma de ser e estar sendo surdo. Ademais, concordamos com Skliar (2011) quando diz que nosso problema não é a surdez, não são os surdos, não são as buscas por identidades surdas, não são as comunidades surdas, não é a língua de sinais. O que precisamos questionar e quiçá desconstruir são as representações dominantes, hegemônicas e ‘ouvintistas’, sobre as daquilo que seria o ideal, o padrão. Desse modo, compreendemos que a luta política da comunidade surda, na busca por uma representação de identidade e cultura surda, embora, algumas vezes sob o risco de cair na essencialização⁵, de pode ser compreendida como uma tentativa de inverter a compreensão daquilo que pode ser chamado de normal.

É interessante observarmos que os alunos, desse curso, passam por esse processo de re-significação da surdez. Dessa forma a/s identidade/s e cultura/s surda/s vão se revelando ao longo do curso, nas próprias relações (surdo-surdo, surdo-ouvinte) elas vão se evidenciando. No extrato da fala da aluna Ada, ouvinte, percebemos esse processo de identificação da cultura surda:

Quando eu entrei no curso eu não enxergava uma cultura surda.. já no segundo período eu acreditava em hábitos culturais, próprios de uma comunidade surda. Aí eu enxergava a comunidade surda do INES, a comunidade surda de outros estados. E aí eu via hábitos culturais que eu enxergava como consequência da questão do não ouvir. Adaptações de vida! Com o tempo, com o convívio dos dias, nesse contato mesmo é que você vai perceber (ADA, ALUNA OUVINTE).

⁵ Quanto à essência, Silva (2000) diz que o essencialismo é a tendência a caracterizar certos aspectos da vida social de um povo como tendo uma essência ou núcleo natural ou cultural fixo ou imutável. Hoje não se descarta o hibridismo cultural devido à presença da globalização e um essencialismo estratégico. Segundo Bhabha (1998), um essencialismo estratégico é necessário quando se trata de preservar a identidade de um povo contra um hibridismo cultural, uma diluição cultural face à globalização (PERLIN & QUADROS, 2003, p. 6).

No entanto vamos encontrar nesses relatos a identificação de que não existe uma única forma de ser surdo, corroborando o nosso argumento acerca dos cuidados que devemos ter ao discutir formas de ser surdo, evitar as polaridades ou categorizá-los em determinadas caixinhas. Os extratos que se seguem, são evidenciam esse argumento:

Porque existe aqueles surdos usuários de línguas de sinais, surdos usuários da língua portuguesa, surdos que utilizam as duas línguas... E isso influencia a identidade, de como ele se ver. Se ver como indivíduo surdo, mas que tipo de indivíduo surdo? Essa questão de identidade e cultura é difícil você explicar (LARA, ALUNA OUVINTE).

[...] Tem também a diferença, tem o surdo oralizado, tem o surdo que não quer aprender a libras, caso de um surdo que conheceu a libras já adulto. Não foi quando criança. E mais, tem surdo que não quer mesmo mais aprender,, quer so o interprete oralizando e ele fazendo leitura labial. Porque eles não querem mais... eles não querem aprender. e é assim cada um com sua cultura. (IVA, ALUNA OUVINTE).

Pensando no que vocês falaram... **não dá pra descobrir mesmo qual a minha identidade.** Porque tem influência de todos os lados, de diferentes tipos: há o oralismo é melhor, vai progredir na vida; libras é melhor, é a língua do surdo; há o bilinguismo é melhor, mas tem que se oralizar pra se comunicar la fora, pra você progredir na vida. **Então muitas vezes você fica até sem entender até a nossa própria identidade. Fica flutuante também!** eu vou assumir a minha identidade o Surdo surdo. mas tem que evitar também o preconceito. a identidade oralista. a pessoa escolheu? ta se relacionando bem? ele se relaciona bem com ouvinte tem que respeitar esses mundos diferentes. são tipos diferentes! O que eu entendo sobre identidade? É o meu costume, os meus pensamentos, a minha consciência, a minha evolução educacional (JOSÉ, ALUNO SURDO, grifo nosso).

Conforme os autores estudados (SKLIAR, 1998, 2011; LOPES & VEIGA NETO, 2006; QUADROS, 1997; PERLIN, 2011, PEDREIRA, 2006), compreendemos que não existe uma identidade cultural surda e sim um processo de identificação cultural, ou identidades culturais surdas, que se constroem nas diferentes formas de relacionar e significar o mundo, e que a surdez é uma diferença política e cultural.

Para não concluir: algumas considerações

Observamos e defendemos nesse trabalho que as identidades surdas, são múltiplas, diversas e híbridas. Ou seja, esse sujeito surdo, embora algumas vezes inconscientemente, está sempre em busca de sua identidade surda. Nesse sentido, alertamos para o fato de que, nas sociedades em que vivemos, os processos de hibridização cultural são intensos, mobilizando a construção de identidades abertas, não fixadas em nenhuma raiz, mas que estão em construção permanente. O que significa que não podemos pensar em identidades como algo puro, pronto e/ou pré-definido, seja por questões biológicas, cognitivas, emocionais, ou por qualquer dos marcadores culturais que pertençam ao sujeito. Nesse sentido, a interculturalidade parte do princípio do direito “à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade

social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade” (CANDAUI, 2010, p. 99). Conviver com diferença e com os diferentes, na perspectiva de se construir relações aliceadas no respeito, na igualdade social e de oportunidades, e no exercício de práticas que respondam aos desafios e demandas que essa diferença nos apresenta.

De acordo com as abordagens apresentadas e discutidas, podemos observar que, no exercício de refletirmos acerca do reconhecimento de uma identidade e cultura surda, faz-se relevante recorrer às proposições do multiculturalismo, que nos ajudam a compreender o surdo não como um sujeito que precisa se enquadrar dentro de uma norma. Ao contrário, permitem-nos entender que sua diferença, para além dos aspectos físicos, se dá em um contexto de construção de significados e de luta política, na qual as forças hegemônicas de alguns se sobrepõem como a “norma”, tal como o ser branco, o ser homem, heterossexual, o ser ouvinte, tornando aquele que não se enquadra na referida norma em um marginal e deficiente. É interessante, problematizarmos para além da definição de um conceito de “cultura surda”, bem como compreender como essa lógica conceitual vem instituindo formas de ser surdo.

Referências

- BEHARES, L. E. Novas correntes da Educação do Surdo: dos enfoques clínicos aos culturais. Revista de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria, 1993.
- CANDAUI, V. **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas, RJ: 7 Letras, 2009.
- _____. (Org.). **Sociedade, Educação e Cultura(s): Questões e propostas**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CANEN, A. Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios para o novo milênio. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (org) Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002, p. 174-195.
- _____. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação & Política**, v.25, n. 2, mai./ago., 2007.
- GOMES, Anie Pereira Goularte. A invenção da cultura surda e seu imperativo no plano conceitual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011.
- HALL, Stuart. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo; **Educação e Realidade**, vol.22, n.2, jul-dez 1997, p.15-46.
- LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 81 – 100, jul./dez. 2006
- PEDREIRA, Silvia Maria Fangueiro. “**Porque a palavra não adianta**”: um estudo das relações entre surdos e ouvintes em uma escola inclusiva na perspectiva intercultural. Tese de Doutorado. Departamento de Educação PUC-Rio, 2006.

- PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: Skliar, C. (Org.) **A Surdez, um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Mediação, 1998.
- SKLIAR, C. (Org.). **Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto alegre, Mediação, 1997.
- _____. Bilinguismo e Biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais da educação dos surdos. In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, 1998.
- _____. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade In: **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v. 25 (2), jul./dez. 1999.
- _____. (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5º ed. Porto Alegre:Mediação, 2011.
- SKLIAR, C. & QUADROS, R. M. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. In: **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 5 (9), 2000, p. 32 – 51.